

Interpretações do Brasil: Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda

Interpretaciones de Brasil: Gilberto Freyre y Sérgio Buarque de Holanda

MSc. Cecília Leão Oderich¹

Resumo

Ao buscar aprofundamento sobre o pensamento social brasileiro, estudei alguns dos chamados intérpretes do Brasil, através de obras que apresentavam resgate histórico, desde o Brasil colônia. As leituras de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda levaram a outras fontes de pesquisa e à análise apresentada neste trabalho. Após breve caracterização e análise de diferenças e similitudes dos autores, chega-se à conclusão de que ambos foram intelectuais eruditos que interpretaram a história e os traços da sociedade brasileira na busca por decifrar a identidade nacional. Enquanto Freyre olha para o passado colonial de forma mais romantizada e saudosa, Sérgio Buarque pensa no desenvolvimento do Brasil a partir da superação do passado e da herança lusitana.

Palavras-Chave: interpretações do Brasil, história, cultura.

Resumen

Al buscar profundización sobre el pensamiento social brasileño, estudié algunos de los llamados intérpretes de Brasil, a través de obras que presentaban rescate histórico, desde el Brasil colonia. Las lecturas de Gilberto Freyre y Sérgio Buarque de Holanda llevaron a otras fuentes de investigación y al análisis presentado en este trabajo. Después de una breve caracterización y análisis de diferencias y similitudes de los autores, se llega a la conclusión de que ambos fueron intelectuales eruditos que interpretaron la historia y los rasgos de la sociedad brasileña en la búsqueda por descifrar la identidad nacional. Mientras Freyre mira al pasado colonial de forma más romantizada y anhelante, Sérgio Buarque piensa en el desarrollo de Brasil a partir de la superación del pasado y de la herencia lusitana.

Palabras claves: interpretaciones de Brasil, historia, cultura.

1. Introdução

A partir da carência pessoal de conhecimentos sobre o Brasil e a sua história, buscando aprofundamento sobre o pensamento social brasileiro, estudei alguns dos chamados “intérpretes” do Brasil: Caio Prado Júnior, Celso Furtado, Fernando Henrique Cardoso, Florestan Fernandes, Gilberto Freyre, Ignácio Rangel, Raymundo Faoro e Sérgio Buarque de Holanda. As dúvidas mais evidentes que permeiam as obras destes autores são, por exemplo: *Podemos dizer que há uma identidade brasileira? Quem somos, de onde viemos, para onde vamos nós, brasileiros? Existe este “nós, brasileiros”?* Sem a pretensão de encontrar verdades, busquei ampliar as minhas noções sobre o que estes intelectuais apresentaram sobre o Brasil, em obras que realizaram algum resgate histórico, desde o Brasil colônia.

Escolhi analisar mais a fundo, através de textos, documentários, reportagens e fotos, dois intérpretes cujas leituras mais chamaram minha atenção, provavelmente pelo viés

¹ (Doutoranda em Estudos Organizacionais PPGA/UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Porto Alegre, RS. Professora Assistente do CCSA - Centro de Ciências Sociais Aplicadas e Membro do GEOS - Grupo de Estudos em Organizações Sociais da UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná; Foz do Iguaçu, PR, Brasil; cecilia.oderich@unioeste.br)

sociológico: Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda. Ambos foram intelectuais respeitados e eruditos, reconhecidos até hoje pelas contribuições à teorização sobre a cultura brasileira. Este trabalho apresenta uma síntese e breve análise destas pesquisas.

2. Gilberto Freyre

Gilberto Freyre nasceu em 1900, em Recife, Pernambuco. Seu pai era juiz de Direito e professor de Economia Política. Sua mãe, de família aristocrática de senhores de engenho, foi o elo principal de Gilberto com a realidade e as histórias da “casa grande e da senzala”, desde a infância. Assim, o intelectual era membro de família aristocrática nordestina e teve contato com o ambiente rural. Desde pequeno, Freyre gostava muito de desenhar, tendo demorado para começar a ler e escrever. Foi primeiramente alfabetizado em inglês, por volta dos 8 anos de idade e, com 18 anos, foi estudar ciências sociais e teve formação diversificada nos Estados Unidos. Conforme o documentário *Gilberto Freyre – O Cabral Moderno*, o intelectual, de família católica, converteu-se à Igreja Batista na juventude, inclusive queria ser um missionário batista, mas desistiu ao constatar a convivência da igreja com o racismo. Depois disso, jamais declarou-se católico ou de qualquer religião. A influência mais relevante para Freyre, intelectualmente, nos Estados Unidos, foi do antropólogo Franz Boas, considerado o pai do relativismo cultural.

Além da famosa obra *Casa Grande e Senzala*, publicada em 1933, Freyre escreveu outros livros, como *Sobrados e Mocambos* (1936) e *Ordem e Progresso* (1939). Freyre tinha orgulho de ser brasileiro e em sua obra é marcante a presença do negro. Na sua visão, o Brasil é uma diversidade, é miscigenação, ninguém é raça pura, o que considera algo bom. Dá a entender que há democracia racial no Brasil, algo que será posteriormente mais comentado. Na sua biografia, observa-se críticas ao autor devido ao apoio ao Golpe de 64 e seus elogios ao ditador português Salazar, bem como devido à sua condecoração pela Rainha da Inglaterra. Na sua obra, é possível inferir um viés de machismo, por exemplo, a apresentação da sexualidade do senhor de engenho com a negra mas, não, da senhora do engenho com o negro, além de ambiguidade na abordagem da escravidão, esta mencionada como necessidade histórica dos portugueses.

Conhecido pela sua simpatia, Freyre casou-se e teve dois filhos. Suas obras e falas o tornaram um autor importante, também, na psicanálise. Morreu em 1987, em Recife.

3. Sérgio Buarque de Holanda

Sérgio Buarque de Holanda nasceu em 11 de Julho de 1902, em São Paulo. Seu pai era professor na área farmacêutica e ele cresceu em um ambiente urbanizado, tendo frequentado boas escolas. Cursou Direito na Universidade do Brasil, profissão que não viria a exercer, já que é conhecido como jornalista, historiador, professor e escritor. Participou da Semana da Arte Moderna de 1922, o que foi relevante para a sua formação, além de ter feito importantes contatos e amizades com intelectuais e artistas da época, sendo considerado um modernista.

Atuando como jornalista, Sérgio Buarque de Holanda foi para a Alemanha em 1929. Os anos na Alemanha foram frutíferos: aprendeu o idioma, conheceu a boemia, teve contato com obras de intelectuais que influenciaram sua carreira, como Max Weber, Vico, Hegel e outros, quando pôde conhecer a dialética e aprender o contraponto às abordagens positivistas. Ainda na Alemanha começou a escrever *Raízes do Brasil*, seu livro mais famoso e que viria a ser publicado em 1936, no Brasil. O livro tem forte influência weberiana e

apresenta redação comedida, que exige atenção. De acordo com o documentário *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda morou alguns períodos em São Paulo, outros no Rio de Janeiro e na Europa, tendo viajado muito. Crítico de características da colonização portuguesa e da forma como se implantou no Brasil, abordava a falta de cidadania e a crítica ao Estado como veículo de poder pessoal. O autor percebia o Brasil como uma nova entidade a partir da imigração ocorrida no final do século XIX, quando chegaram muitos alemães, italianos, japoneses e outros imigrantes no Brasil, além dos portugueses, índios e negros que aqui estavam. Este mix cultural da imigração teria marcado a transição da cultura escravocrata e da aventura para uma nova etapa, a do homem livre e do trabalho.

É curioso em sua biografia, segundo o documentário *Raízes do Brasil*, o fato de que Sérgio teve sua primeira publicação ainda na infância, a qual foi uma letra de música. Sua esposa e importante assistente, Maria Amélia, era musicista, e toda a sua vida foi permeada pela música, apesar de Sérgio não ser considerado um entendido em música. Quatro dos seus oito filhos (incluindo o primeiro filho, já falecido, nascido de uma relação amorosa na Alemanha) são ou foram músicos e artistas, a destacar o mais famoso, Chico Buarque. Vários descendentes de Sérgio e Maria Amélia atuam na área artística e cultural e, alguns, na área acadêmica. Sérgio Buarque de Holanda foi intelectualmente contra a ditadura, participou da fundação do Partido dos Trabalhadores, e queria uma história contada pelo povo, além do ponto de vista oficial, da elite branca. Morreu em 1982, em São Paulo.

4. Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda: diferenças e similitudes

Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre foram contemporâneos em vida, inclusive se conheceram pessoalmente, segundo documentários que indicam relações entre intelectuais da época. Foram, também, contemporâneos nas obras, já que suas publicações mais famosas, respectivamente, *Raízes do Brasil* e *Casa Grande e Senzala*, ocorreram na década de 30. É importante destacar que na década de 30 o Brasil passou por mudanças econômicas e políticas: Revolução, Getúlio Vargas, urbanização, início da industrialização, participação da burguesia no cenário político, emergência da classe média e dos movimentos operários, o modernismo, a perda do poder oligárquico.

Enquanto Gilberto Freyre era de família aristocrática nordestina, Sérgio Buarque de Holanda era de família urbana de classe média de São Paulo. Ambos viveram alguns anos no exterior, estudaram diversos idiomas, eram leitores de vasta literatura e tiveram formação na área de humanas. Freyre estudou Ciências Sociais e Sérgio Buarque de Holanda estudou Direito. Ambos os autores apresentam aspectos históricos e culturais, desde o Brasil colonial, através de uma escrita que evita generalizações, sendo que Sérgio Buarque de Holanda apresenta um rigor acadêmico, o que não acontece com Gilberto Freyre.

Freyre, influenciado por Franz Boas, traz a ideia de cultura além da ideia de raça, considerando o particular na história, a exemplo de anotações de viagens, sexualidade e religiosidade. A ideia de raça e de diferenças raciais era muito comum na época, mas a ênfase do autor recai sobre as diferenças culturais. A obra de Freyre é repleta de passagens abordando aspectos da sexualidade e da miscigenação, geralmente do senhor ou filho do senhor branco com a escrava negra, o que pode indicar algum nível de machismo e/ou ser o retrato da realidade que observava na época.

“Já houve quem insinuasse a possibilidade de se desenvolver das relações íntimas da criança branca com a ama-de-leite negra muito do pendor sexual que se nota pelas mulheres de cor no filho-família dos países escravocratas. (...) Conhecem-se casos

no Brasil não só de predileção mas de exclusivismo: homens brancos que só gozam com negra.” (FREYRE, 1980, p. 286)

Freyre apresenta as contribuições do negro e do índio na formação da civilização brasileira, mas parece ter predileção pelos negros, a exemplo dos trechos sobre a adaptação aos trópicos ou a alimentação, ou ainda quando menciona o índio introvertido e o negro extrovertido.

“Pode-se juntar, a essa superioridade técnica e de cultura dos negros, sua predisposição como que biológica e psíquica para a vida nos trópicos. Sua maior fertilidade nas regiões quentes. Seu gosto de sol. Sua energia sempre fresca e renovada quando em contato com a floresta tropical. Gosto e energia que Bates foi o primeiro a contrastar com o fácil desalento do índio e do caboclo sob o sol forte do norte do Brasil.” (FREYRE, 1980, p. 289)

O autor também comenta sobre a passividade dos negros na realização de trabalhos vis dos tempos coloniais, e faz considerações de defesa sobre a sua higiene, de maior asseio do que a dos brancos.

“Ao escravo negro se obrigou aos trabalhos mais imundos na higiene doméstica e pública dos tempos coloniais. (...) Foram funções, essas e várias outras, quase tão vis, desempenhadas pelo escravo africano com uma passividade animal. Entretanto, não foi com o negro que se introduziu no Brasil o piolho (...). E é de presumir que o escravo africano, principalmente o de origem maometana, muitas vezes experimentasse verdadeira repugnância pelos hábitos menos asseados dos senhores brancos.” (FREYRE, 1980, p. 289)

Freyre pode ser interpretado no sentido de ter ocorrido algum tipo de “harmonia nas relações inter-raciais” no Brasil, pois mostra o convívio e a miscigenação, o que pode colocar “panos quentes” em uma realidade de subjugação, sofrimento e desigualdade. Neste sentido, a obra de Freyre pode ser considerada como contribuição para a mistificação da democracia racial.

Já Sérgio Buarque tende a uma obra mais realista, enfatizando a colonização portuguesa e a influência ibérica. O autor alega não ter ilusões sobre a herança portuguesa: rústica, patrimonialista e que confunde o público e o privado.

“À frouxidão da estrutura social, à falta de hierarquia organizada devem-se alguns dos episódios mais singulares da história das nações hispânicas, incluindo-se nelas Portugal e o Brasil. Os elementos anárquicos sempre frutificaram aqui facilmente, com a cumplicidade ou a indolência displicente das instituições e costumes. (...) A falta de coesão em nossa vida social não representa, assim, um fenômeno moderno. E é por isso que erram profundamente aqueles que imaginam na volta à tradição, a certa tradição, a única defesa possível contra nossa desordem.” (HOLANDA, 1976, p. 33)

Pode-se inferir que ambos, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, ao construírem sua visão da sociedade brasileira, afastam-se das análises do determinismo biológico e se aproximam das análises históricas e culturais. Ambos os autores abordam a dependência que as cidades tinham do meio rural, inclusive do ponto de vista alimentar, e o engenho constituía um “Estado dentro do Estado”, com uma justiça paralela e suas normas próprias de comportamento. Mas é importante registrar uma diferença entre os autores: enquanto Freyre coloca que o ruralismo não foi espontâneo mas, sim, imposto pelas

circunstâncias de necessidade da agricultura, já que os colonizadores portugueses tinham intenção de ficar no Brasil, Sérgio Buarque interpretou a colonização portuguesa com intenção de fazer fortuna rápida e retornar a Portugal. Os dois autores indicam discordar da ideia de que a miscigenação seria algo prejudicial ao Brasil, até porque os portugueses já eram um povo miscigenado de Europa e África, mas Sérgio Buarque enfatiza criticamente a força colonizadora de Portugal, enquanto Freyre reflete a miscigenação de forma positiva.

“No caso brasileiro, a verdade, por menos sedutora que possa parecer a alguns dos nossos patriotas, é que ainda nos associa à península Ibérica, a Portugal especialmente, uma tradição longa e viva, bastante viva para nutrir, até hoje, uma alma comum, a despeito de tudo quanto nos separa. Podemos dizer que de lá nos veio a forma atual de nossa cultura; o resto foi matéria que se sujeitou mal ou bem a essa forma.” (HOLANDA, 1976, p. 40)

Sérgio Buarque de Holanda aborda o tradicionalismo e, também, a revolução urbana no Brasil, pautada em um Estado burocrático em oposição ao personalismo, o que indica influência weberiana. O autor defendia a ideia de que negros, índios, mulheres e pobres eram marginalizados e precisavam ser incluídos na vida social e na história brasileira.

Já Gilberto Freyre é ambíguo e parece leniente com a escravatura, até considerando-a “indispensável” na colonização do Brasil e, com a ideia de democracia racial, indica uma aceitação da miscigenação como se o encontro racial no Brasil tivesse sido de algum modo fraterno. Em *Casa Grande e Senzala*, o autor descreve crianças de cores diferentes brincando juntas, a escrava que amamentava o bebê branco, escravos domésticos bem tratados, com certa complacência em relação à violência inerente ao processo. Comparando com outros países, no Brasil houve maior miscigenação, e não houve o *apartheid*, mas houve subjugação e escravidão, longe de um processo fraterno. Assim, parece que o mesmo ponto pode ser elogiado e criticado na obra de Freyre, dependendo do viés de análise.

Sérgio Buarque não valoriza tanto a contribuição de outras culturas em um primeiro momento de formação da cultura brasileira, destacando principalmente a chegada da cultura ibérica, a herança portuguesa e sua implantação no Brasil. O autor enfatiza a “cultura do personalismo”, a recusa da hierarquia e o individualismo, ocorrendo a mistura entre público e privado e a falta de coesão social, inclusive critica a chamada “moral das senzalas”.

“Sinuosa até na violência, negadora de virtudes sociais, contemporizadora e narcotizante de qualquer energia realmente produtiva, a “moral das senzalas” veio a imperar na administração, na economia e nas crenças religiosas dos homens do tempo. A própria criação do mundo teria sido entendida por eles como uma espécie de abandono, um languescimento de Deus.” (HOLANDA, 1976, p. 62)

Sérgio Buarque de Holanda também é crítico da democracia. Conforme trecho destacado no documentário *Raízes do Brasil – Parte I*, “A democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal-entendido. Uma aristocracia rural e semifeudal importou-a e tratou de acomodá-la, onde fosse possível, aos seus direitos ou privilégios, os mesmos privilégios que tinham sido, no Velho mundo, o alvo da luta da burguesia contra os aristocratas”. Sérgio Buarque de Holanda argumenta que as revoluções no Brasil sempre aconteceram de cima pra baixo, sem a participação do povo.

Em *Raízes do Brasil*, o autor apresenta o conceito de *homem cordial*, o qual expressa o lado emocional do brasileiro, o que inclui o conjunto de traços de hospitalidade, generosidade, simplicidade ao lidar com outras pessoas, mas designa mais fortemente a

exacerbação do emocional, portanto, não representa civilidade, boas maneiras, ou seja, não se pode considerar literalmente a expressão “homem cordial”. Inclusive, pode haver, neste conceito, questões problemáticas, como a falta de boas maneiras, representada na dificuldade de cumprir formalidades, ritos sociais formais, de separar as esferas pública e privada, ou ainda de conseguir lidar com relações de forma não pessoal e não afetiva. Alguns exemplos deste tipo de manifestação: o uso exagerado de diminutivos na comunicação, a forma de se relacionar intimista, a omissão do nome de família no trato social, os rituais que são “humanizados”, como fazer referência a contatos profissionais como se fossem “amigos”. A etimologia da palavra “cordial” é de coração, do que vem de fundo emotivo, mas o conceito é baseado no auto-interesse. Enfim, o conceito de *homem cordial* muitas vezes é entendido de forma simpática, o que não é condizente com o sentido crítico original dado pelo autor. O *homem cordial* busca continuamente intimidade: as demonstrações de afetuosidade e gentileza podem representar a busca por interesses pessoais como sobrevivência, proteção e ascensão no meio, e a “inimizade pode ser tão cordial quanto a amizade”.

Para Sérgio Buarque de Holanda os brasileiros demonstram padrões de convívio humano formados no meio rural e patriarcal, considerando a ancestralidade. Pode-se considerar a construção de um *ethos* de base emocional, o que se manifesta, inclusive, na esfera religiosa, por exemplo, quando o homem cordial procura uma relação intimista com as divindades, buscando aproximação, o que não necessariamente seria devoção. Assim, o autor constatou que a sociabilidade brasileira é mais suscetível a contatos informais.

Freyre alegava que a insuficiência alimentar e as doenças trazidas pelos europeus foram causadoras da alegada inferioridade física e psíquica de boa parte dos brasileiros, mas para ele, não há passado a ser superado. Já Sérgio Buarque de Holanda olha para a questão cultural e enfatiza o problema do personalismo e do patriarcalismo, herança lusitana a ser superada. Enfim, entre diferenças e similitudes, Freyre de forma mais literária e saudosa, Sérgio Buarque de forma mais acadêmica e crítica, são reconhecidos intérpretes do Brasil.

5. Considerações finais

Nos cotejos entre o arcaico e o atual, interpretando a história e os traços da sociedade brasileira na busca por decifrar a identidade nacional, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda se constituem como autores importantes para a compreensão do Brasil, com ênfase nas origens históricas. Enquanto Freyre olha para o passado colonial de forma romantizada e saudosa, Sérgio Buarque pensa no desenvolvimento do Brasil a partir da superação do passado e da herança lusitana.

Referências

- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
Gilberto Freyre – O Cabral Moderno. Documentário. 2000. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=q9m6sV0oo_M
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 13. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.
Raízes do Brasil – Parte I. Documentário. 2003. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=etUESguoUx4>
- Raízes do Brasil – Parte II*. Documentário. 2003. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rPv65Xk_R8M

SANTOS, Karoline Biscardi. Análise comparativa do pensamento de Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil* e Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala*. *Revista Tempo de Conquista*. Disponível em: <http://revistatempodeconquista.com.br/>